

MEMÓRIAS, PRÁTICAS E DEGRADAÇÕES GARIMPEIRAS EM ALTA FLORESTA-MT

SILVA, Francisco Freire da¹
RAUBER, Marlene²

RESUMO

A pretensão de contar a história do garimpo, dos garimpeiros e colonos que foram garimpeiros está ligada a ideia de tentar redescobrir as memórias que já estavam sendo perdidas. A saga do garimpeiro, da paixão pelo ouro, seus sonhos, suas esperanças em ficar rico e ter uma vida melhor. Este artigo propõe-se a discutir as relações sociais, de trabalho e as condições de vida dos trabalhadores nos garimpos de Alta Floresta, localizados no Norte de Mato Grosso. O levantamento de dados ocorreu a partir de entrevistas com ex-garimpeiros, revisão bibliográfica em livros, periódicos e revistas, percebendo-se certa negação em falar da época do garimpo, até dificultando o acesso às informações dizendo-se que não havia registro sobre o assunto. As relações sociais da época eram hostis devido ao domínio ideológico da igreja e da própria colonizadora sobre a população, e a imagem do garimpeiro era forjada de acordo com as necessidades dos grupos sociais envolvidos nos conflitos e disputas. Outro fator importante foi a degradação ambiental na região do garimpo como foi mencionado, reproduzindo o modelo depredatório na Amazônia, enfocando a ação do homem no tempo e também no espaço. Ao longo do processo de expansão das atividades garimpeiras e dos projetos de integração, sobretudo aqueles promovidos na década de 1970/1980, no contexto do regime militar, algumas áreas florestais do Estado, assim como da região amazônica, no geral, foram devastadas.

Palavras-chave: Garimpo. Memória. Relações sociais. Degradação ambiental.

1 INTRODUÇÃO

A história de Alta Floresta confunde-se com a descoberta do garimpo na região, a cidade originalmente projetada como um pólo de produção agrícola teve seu projeto inicial deixado de lado devido ao garimpo que se instalou na região a contragosto da colonizadora.

A colonização do município teve início quando o Sr. Ariosto da Riva adquiriu 400 mil hectares de terra no Norte do Mato Grosso, através da sua empresa Colonizadora Integração Desenvolvimento e Colonização S/A (INDECO). A área adquirida foi loteada e vendida a colonos oriundos do Paraná, pois o projeto inicial de Alta Floresta pretendia transformar a região em uma referência em culturas agrícolas.

¹ Licenciatura Plena em História (UNIC). E-mail: <francisco30af@hotmail.com>

² Licenciatura Plena em Ciências Biológicas (UNEMAT). E-mail: <jequitibaaf@yahoo.com.br>

REFAF – Revista Eletrônica das Faculdades de Alta Floresta, v.7, n. 2 (2018)

<<http://refaf.com.br/index.php/refaf/>>

Ao adquirir os 400 mil hectares iniciais do projeto ainda não havia estradas que levassem até onde hoje se localiza o município, o que acarretou na subida do rio Teles Pires de barco até a área do município, ao chegarem, a equipe da colonizadora abriu uma pista de pouso e realizaram alguns experimentos com culturas agrícolas para avaliar o seu desenvolvimento no solo da região como explica Quati (1986):

Foi preciso abrir uma picada na margem e transportar nas costas por seis quilômetros o barco, motores e alimentos. Nessa pista fizemos análises de solo, encontramos ph de 6 e 6,5, também encontramos cacau nativo, plantamos algumas variedades agrícolas como experiência (QUÁTI, Alta Floresta, 1986).

Foram utilizados alguns recortes de jornais da época das primeiras práticas garimpeiras da região de Alta Floresta – MT, não lembradas ou quase esquecidas pela historiografia. Para a elaboração desse artigo houve a necessidade de busca em fontes orais, fotos e mapas. Levantamentos de arquivos na biblioteca municipal, secretaria da cultura, museu, entrevistas, recortes de jornais, arquivos pessoais, livros e revista. Para a elaboração dessa produção privilegiou-se as fontes orais para compreender como ocorreu a migração em Alta Floresta-MT e quais eram os sonhos dos migrantes e suas perspectivas de vida em relação ao norte do Estado do Mato Grosso.

Visitando algumas instituições, percebe-se certa negação em falar da época do garimpo, até dificultando o acesso às informações dizendo que não havia registro sobre o assunto, seria um dito/não dito no processo da colonização e do garimpo, reservando o direito de cada um no seu modo de pensar e de agir, sendo que, todos nós somos sujeitos da história. A “memória” neste sentido de acordo com Guimarães Neto (1986) designa um ponto de resistência, uma coragem e uma possibilidade única de redimir o passado, e de trazer alguma esperança de salvação e acordar vozes que uma história triunfante esmagou.

No Brasil a extração de ouro ocorre desde o início do século XVII, sendo um metal muito cobiçado pelos homens corajosos e desbravadores, fazendo com que eles se deslocassem de uma região para outra, numa busca incansável. Em Alta Floresta - MT não foi diferente, milhares de pessoas vieram de diversas regiões do nosso país, sendo oriundos do Maranhão, do Pará, do Ceará e até mesmo da Bahia, onde a força do garimpo era nordestina segundo o depoimento do ex-garimpeiro Daniel (2016), “o garimpo na região começou na década de 60, vindo de Itaituba no estado do Pará, do garimpo do Juruena, os garimpeiros vieram desbravando”. Já no ano de 1978, a cidade foi invadida por milhares de garimpeiros, começando nesse momento o transtorno para o projeto idealizado pela colonizadora.

A degradação ambiental começou ao longo do Córrego do Jaú e seus afluentes, pois era preciso abrir a mata para que iniciassem o trabalho de garimpar, somente desmatando o local, derrubando as árvores que existiam ali há milhares de anos, poderiam então construir seus barracos, pois, não tinha outro jeito de iniciar os trabalhos, não havendo preocupação com a preservação das nascentes córregos e afluentes da região. A busca pelo metal precioso deixava as pessoas cegas ou alheias ao valor do meio ambiente para com a fauna e flora e do equilíbrio ecológico.

Derrubando as matas para garimparem, o homem esqueceu de que quando se mexe com o hábitat, há um desequilíbrio e assim ocorre a invasão de mosquitos da malária, febre amarela e muitas espécies migram para outros lugares buscando novamente um local com condições de sobrevivência.

Quanto à poluição do solo e das águas, não podemos descartar danos ambientais e à saúde, já que o mercúrio pode se alojar no sedimento no fundo do rio e levar vários anos para demonstrar os primeiros sinais de contaminação. O mercúrio traz danos ambientais irreversíveis ao solo, a água e ictiofauna dos rios, além de graves efeitos à saúde humana, como má formação fetal, danos cerebrais, problemas neurológicos e até a morte. O efeito é cumulativo por períodos de 30 a 40 anos, com sinais que podem levar de 10 a 20 anos para aparecer.

O primeiro capítulo aborda o início da colonização de Alta Floresta - MT, com o objetivo de atrair colonos do norte do Estado do Paraná e fixá-los na região, porque possuíam boa reputação como agricultores, e as dificuldades que os mesmos enfrentaram, a descoberta do ouro, a chegada de um grande contingente de garimpeiros que abalaram a produção agrícola do município, contrariando o projeto idealizado pela colonizadora INDECO.

Enquanto o segundo capítulo trata do contexto político, dos apoiadores da elite colonizadora, e dos apoiadores dos garimpeiros que estavam em conflito com a colonizadora. O terceiro capítulo aborda as questões da exploração e degradação do meio ambiente relacionada à atividade garimpeira.

2 A COLONIZAÇÃO OFICIAL E A CHEGADA DO GARIMPO EM ALTA FLORESTA

Em 1976 com estradas abertas até a região onde hoje se encontra Alta Floresta é que de fato se dá início a colonização. O objetivo da colonização como dito anteriormente era

transformar a região em referência agrícola, para isso planejava atrair pequenos e médios produtores do norte Paranaense para colonizarem as terras da região, uma vez que os paranaenses possuíam boa fama como agricultores. Dito isto o esboço do que deveria ser o município, estava moldado, numa cidade composta por famílias agrícolas que vieram para ficar e trabalhar a terra, formando o estereótipo de pessoas responsáveis e ou conservadoras.

Os primeiros anos da cidade ao florescimento da agricultura foram fortes com boas colheitas, e para o colono restou apenas o anonimato de ter participado da construção do sonho do colonizador. E mais grave do que não fazer parte da realização do sonho, é não poder questioná-lo, pois mesmo diante da possibilidade de falar de suas angústias, os colonos mais antigos se calam e se dobram com a recordação de fatos que enobrecem a colonização e nunca o contrário, de acordo com Duarte Rosa (1999).

A igreja também foi um dos elementos importantes na colonização, desde o processo de abertura, a construção das estradas até o assentamento dos colonos estando sempre presente e atuando no processo de colonização na figura do Padre Geraldo, sendo sempre, bem-vindo, às suas humildes residências, percebe-se nas falas a seguir, (...) “Visitando esses barracos, eu me apresentava como o sacerdote que atendia a região. O colono anunciava com alegre entusiasmo: - ‘Fulana, é o padre!’ A mulher para os filhos: ‘É o padre menino, toma a benção!’” E assim o ambiente passava a transpirar piedade porque se sentia Deus presente, para aquela gente sofrida e de fé a presença do padre na casa deles era alguma coisa que Deus havia mandado, pois trazia tranquilidade e segurança e os colonos que estavam desanimados criavam novo ânimo. [...]” “Quantos não me dizem hoje: - Padre foi o senhor que nos animou a ficar. Já estávamos dispostos a voltar. Depois que o senhor visitou em nosso barraco, ficamos animados outra vez”(ARAÚJO, 1999, p. 140).

Desse modo ficando conhecido por muitos como o colonizador de batina, sendo parceiro fiel do projeto de colonização, devido que os colonos enfrentavam todos os tipos de carência, sendo orientada para deixarem de lado a sua vida anterior e assim construir um novo futuro, uma nova história em Mato Grosso.

Contudo, a descoberta do ouro e a chegada de um grande contingente de garimpeiros abalaram a produção agrícola do município, eram diversos colonos seduzidos pela ideia de que o ouro lhes daria um lucro imensamente maior do que a lavoura e abandonaram seus plantios e se embrenharam nos garimpos da região, à ainda aqueles que se decidiram por

explorar a própria propriedade em busca do ouro e do sonho de “bamburrar” de ficar rico, bem de vida.

De acordo com Barbosa (1999), “garimpeiros oriundos do Pará na busca por novos garimpos adentraram o norte do Mato Grosso pela floresta e foram desbravando a partir da região conhecida como Juruena, chegando até as áreas conhecidas como garimpos do Planeta, Novo Astro e Satélite”. A chegada dos garimpeiros ao município se deu por volta de meados de 1979. O que acarretou em uma corrida pelo ouro atraindo milhares de pessoas a Alta Floresta, o que ocasionou uma explosão populacional na região, segundo Quáti (1986) o município chegou a considerar que haveria uma população em torno de 100 mil habitantes com uma área física de 41.447 quilômetros quadrados equivalente a quase duas vezes o tamanho de El Salvador, País da América Central ou à metade do Estado de Santa Catarina.

A chegada dos garimpeiros não foi bem-vista pela colonizadora, que sentiu grandemente os impactos do garimpo ao seu projeto de colonização. Contudo o comércio do município experimentou um crescimento vertiginoso, devido a demanda pelos mais diversos produtos como remédios, peças, alimentos, combustível, vestimentas, ferramentas, etc. A necessidade da população garimpeira por produtos e serviços multiplicou as vendas de uma maneira que era até mesmo difícil atender a demanda, a crescente demanda também acarretou em um aumento do custo de vida no município, uma vez que garimpeiros pagavam a tudo com peso de ouro, o que prejudicou aqueles que não cederam ao garimpo e mantiveram-se em suas tarefas habituais, uma vez que o custo de vida estava além daquilo que poderiam pagar. Um ponto importante a se destacar é que Alta Floresta tornou-se um ponto de abastecimento para as regiões próximas, aonde até mesmo garimpeiros do Pará vinham comprar suprimentos na cidade. “Por que aqui existe o arroz, o feijão tem o comércio, tem a galinha, o ovo, a fruta, a verdura” (QUÁTI, 1986).

O garimpo na região promoveu um importante encontro de culturas já que contava com pessoas oriundas de diversas regiões do país, nortistas, nordestinos e sulistas, o encontro destas culturas resultou no que hoje é o alta - florestense, uma mistura de diferentes identidades de nosso país carregando vocabulários e costumes de diversas regiões que o povo assimilou.

3 CONTEXTO POLÍTICO DE ALTA FLORESTA

A política de Alta Floresta estava ligada ao partido ARENA, ligado ao presidente da república General João Figueiredo, na época da ditadura civil-militar, os apoiadores da elite colonizadora eram os “Campos”, Júlio Campos, Jaime Campos e Frederico Campos. Por outro lado, havia o Padre Pombo líder do partido MDB, que apoiava o deputado Paulo Nogueira, que veio para Alta Floresta com o objetivo de apoiar os garimpeiros que estavam em conflito com a colonizadora. Seria uma negociação de um acordo entre as partes interessadas, conforme relatos onde o mesmo pretendia transformar Alta Floresta em uma nova Itaituba, conhecida como “Capital do Ouro”. No dia 11 de setembro de 1979 foi organizado um movimento para hostilizar o Deputado Paulo Nogueira e os garimpeiros.

Nota-se na entrevista com o pioneiro Sr. Cristino narrando o episódio ocorrido em Alta Floresta, com o deputado Paulo Nogueira, quando, quiseram bater nele, ”, época de chuva, eu cheguei em junho 76, eu era comerciante e também fazia construção. Na época, no começo da cidade. Eu me lembro que o 1º comerciante foi o Zezinho Cabelo de Fogo, 2º Serrano, 3º Cícero da Copagás, 4º foi o meu comércio de secos e molhados, 5º Wilson Sierra. E depois veio as primeiras casas, as primeiras famílias, depois de 2 anos iniciado a cidade veio o Tião da Indeco, que entrou pra vender terra, depois foi que eu comprei terra. E assim a cidade foi crescendo e formando Alta Floresta. Era época de chuva eu tava lá fazendo um serviço na casa aurora, e minha casa era vizinha a casa Aurora, aí começou o rebuliço, entrei pra dentro de casa, tacavam pau, pedra, e pensei que eu ia dar uns tiros também, porque já tinha gente dentro do meu quintal, não sabia que negócio era esse, coloquei no bolso um revólver. “Foi muito perigoso, perigoso demais, era muita gente, mas deu mais gente porque trouxeram o povo da Caiabi de caminhão, e de outras fazendas”.

Embora tenha trazido consigo alguns benefícios, o surgimento do garimpo representou transtorno para o projeto idealizado pela colonizadora, fazendo com que fosse tomada represália contra aqueles que apoiassem os “garimpeiros” o objetivo da visita do deputado em Alta Floresta, era prestar um apoio aos garimpeiros, mas aí a Indeco com aquela besteira de ser contra o garimpo, foi um movimento muito perigoso, tombaram o carro dele, dava medo, muito medo, jogaram nele terra, lama” (CRISTINO, 2016). Todavia os garimpeiros continuaram a buscar seus direitos e assim trabalharem, ou então, garimparem nas terras da região. Após uns dois anos do episódio, o indesejado garimpo ganhou evidência econômica. A

formação de uma nova comunidade iniciada pelo auge do ouro, o garimpo era ponto de encontro de todas as gentes, sem distinção de etnia, credo ou situação financeira, pois todos se enquadravam no mesmo quesito, eram garimpeiros.

Segundo Costa (2016) o garimpo dos “altos” (garimpo de pista de vôo) era tolerado pela colonizadora, ao contrário do garimpo próximo a cidade. O garimpo do Planeta que foi comprado pelo Sr. Ditão, do popular Marabazinho, o mesmo levou de Alta Floresta de barco pelo rio Teles Pires e rio Apiacás, os garimpeiros para abrir a pista de vôo e outros foram “varando”, andando fazendo picadas com facão, foice, machado, pois no começo não havia estradas abertas, então a vontade de se dar bem, ficar rico ou “bamburrar” valia todos os sacrifícios, vencer as dificuldades, os obstáculos que encontravam, sem esquecer que poderiam adoecer e se acontecesse de se machucar gravemente, poderia ocorrer de sacrificar a pessoa machucada, como o ocorrido com dois garimpeiros, como dizem relatos de populares.

Foi realizado um acordo com os garimpeiros que abririam a pista de vôo, que só poderiam garimpar, após a pista pronta, mas em todo e qualquer lugar existe ser humano que não concorda com certos acordos e percebe-se na fala a seguir que no garimpo também existia “um desses garimpeiros disse que não trabalharia na abertura da pista, pois não era juquiereiro (pessoa que trabalha na roça), ele veio era para garimpar, então ele decidiu ficar com uma espingarda “20” só observando os outros trabalhar, quando terminaram o serviço da pista, foi feita a inauguração da pista, cavaram uma prancheta (buraco de pesquisa de ouro) na cabeceira da pista na Grotta do Paulão, em seguida todos os outros garimpeiros deram uma rajada de mais de 30 tiros e enterraram o mesmo na prancheta e continuaram a festa como se nada tivesse ocorrido e assim trabalharam até 1980”, sendo esse o garimpo que mais produziu ouro na região, quando foi vendida para a empresa Autram que posteriormente foi vendida a empresa Mineração Taboca.

Os garimpos de vôo que existiram na região foram o do Planeta, o Satélite, e o Novo Astro. Sem esquecer-se de uma regra que existia no garimpo do Planeta, que o ouro produzido na área só poderia ser vendido ao Sr. Ditão e também só poderiam comprar mantimentos, peças e ferramentas na cantina que existia na “currutela” uma espécie de vila, a qual era bem organizada tinha cantina, farmácia, salão de boate com quartos com banheiros para as mulheres de programa, popularmente conhecidas como “quengas”, houveram muitos shows de artistas - Chico Rei e Paraná, Milionário e José Rico, Valdick Soriano, entre outros, época

de muito ouro, tantos se deram bem nas Grotas do Marabá, Grota do Paulão, Grota do Paraíba, Grota do Von, Grota Pinga no Leite, Grota do Mutum e outras tantas (COSTA, 2016).

No decorrer de cada entrevista nota-se que o ex-garimpeiro tem uma voz guardada dentro do seu íntimo, emoções e suas memórias, até o colono, quando deixa de lado o projeto da colonização como afirma Le Goff (2014):

Foi preciso garimpar um pouco da história do garimpo na região de Alta Floresta, da memória do garimpeiro, das vozes que estavam guardadas, das lembranças boas ou não tão boas, mas que estão ligadas a uma coragem que ainda está presente nos corações dos entrevistados, como vemos “a história começou como um relato, a narração daquele que pode dizer “Eu vi, senti”. (LE GOFF, 2014, p. 11).

Escutar esses homens falando sobre determinada época de suas vidas que viveram e sentiram na pele tantas emoções, é muito gratificante, descobrir lembranças que estavam sendo esquecidas ou até mesmo perdidas ainda se emocionam quando mencionadas, segundo Le Goff (2014, p. 435): “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”.

Quando se senta para conversar com as pessoas que já foram garimpeiros ou que trabalhavam no garimpo, percebe-se um olhar nostálgico ao reviver tempos de luta e busca, eram pessoas novas naquela época e hoje estão, os que permanecem vivos, com uma idade avançada, mas cheios de histórias, loucos para contar, mas poucos são aqueles que param para ouvir seus relatos.

3.1 O crescimento acelerado da cidade

O surgimento do garimpo fez com que a cidade de Alta Floresta, recebesse uma generosa injeção de riquezas, fazendo com que o desenvolvimento da mesma fosse grandemente impulsionado, favorecendo o comércio. Muitas empresas foram atraídas para a região, hotéis, churrascarias, lanchonetes, agências bancárias, compras de ouro, lojas de confecções, farmácias, hospitais, casa de peças para garimpo, oficinas, postos de gasolina, entre outras. “O movimento era tanto que o comércio funcionava também aos domingos, tinha tanta gente, andando, comprando, vendendo uns chegando outros saindo” (BARBOSA, 2016).

A descoberta do ouro na região alvoroçou a população a tal ponto que em determinado momento era quase impossível encontrar um “camarada” para trabalhar na lavoura, o trabalho na roça era menos atraente do que as emoções e aventuras que poderiam encontrar e viverem eles mesmos, e não só ouvir de outros, parentes e conhecidos às histórias que haviam vivenciado. Ao mesmo tempo o custo de vida em Alta Floresta elevou-se assustadoramente, pois a cidade havia sido “invadida” pelos garimpeiros que a tudo pagavam a peso de ouro.

Contrariando os mitos populares que existem sobre o garimpo e os garimpeiros onde, “uma fofoca para produzir ouro é necessário que seja regada com sangue” (ARAÚJO, 1999). A violência que existia no garimpo tinha um pouco de credence também, porque o que prevalecia era a lei do respeito, se respeitasse, era respeitado.

Nesse ambiente de trabalho a importância da amizade, do respeito e da camaradagem é ainda mais evidente, porque eles conviviam a maior parte do tempo com pessoas que não era da família, isto era ao mesmo tempo uma dificuldade e também uma oportunidade, porque não, de se transformar, ou melhor, de libertar a pessoa solidária que existia dentro deles.

Um fator importante do garimpo era a solidariedade entre eles, se a pessoa precisasse de alguma coisa, qualquer coisa, alimento, peças, até ouro (para mandar para a família), eles emprestavam uns aos outros, só que era necessário ser correto, honesto, esse era um ponto que contava muito, era mais que uma assinatura no papel, palavra dada era palavra honrada.

No entanto o garimpo exigiu muitos sacrifícios daqueles que se aventuravam a enfrentá-lo, “voltaram a viver nos garimpos em barracos de madeira, lona e folhagens, lavando roupa e louças no córrego e a clarear a noite com lampiões e lamparinas” (SANTOS, 2015, p. 87).

As moradias eram bastante precárias, não havia água tratada, instalações sanitárias totalmente inadequadas, excesso de lixo, degradação do local e assim ocorriam muitas verminoses, hepatite, malária e outras doenças. A atividade garimpeira exigia que as pessoas que se aventuravam em busca de ouro existente na região, deixassem de lado algumas normas básicas de higiene, do conforto do lar, mudavam completamente seu estilo de vida. A formação de uma nova comunidade iniciada pelo auge do ouro, o garimpo era, portanto, o encontro de todas as gentes, sem distinção de etnia, credo ou situação financeira, afinal de contas todos se enquadravam no mesmo requisito: eram garimpeiros.

A identidade construída do garimpeiro se mantém viva nas falas, no modo de recordar cheio de fatos que vão sendo recordado no decorrer da entrevista com o ex-garimpeiro Elieser Lopes de Carvalho, o popular “Cabeça”, que nos relata um período de sua vida:

Em 1976 já ouvi falar na região Pará-Santarém, eu vim pra cá em 79. Aliás, em 78, em novembro de 78 cheguei aqui encontrei o garimpo do Planeta funcionando, aí cheguei aqui e procurei um lugar pra comprar ouro, tava aquele movimento muita gente, aí comecei a comprar ouro lá dentro do garimpo, fiquei por lá até que o Sr. Benedito Vieira da Silva, vendeu o garimpo, aí acabou o garimpo do Planeta, vendeu para uma firma, né. E todos que tava lá teve que sair mesmo a contragosto. Ele vendeu o garimpo em 1981, tava retirando o povo, aí eu vim embora de lá, cheguei aqui (Alta Floresta). Fui pra Paranaíta e montei um comércio lá. Aí surgiu a ideia de fazer uma pesquisa, onde hoje é denominado Pista do Cabeça. Peguei os companheiros e perguntei quem tinha coragem de entra no mato, eles perguntaram se eu tinha coragem de gastar dinheiro pra fazer a pesquisa. Dia 19 de março de 1981 fizemos esse plano e no dia 21 e 22 de março saímos para o mato. E quatro vezes que foram e vieram, encontram o garimpo. Eram 3 companheiros, lá terminaram com 5, era João de Deus, apelido de Porrudo, Zé Rodrigues, José Ribamar, logo depois se juntando a eles foi Raimundo Souza e o Baianinho, até o final da pesquisa. Aí quando no dia 2 de novembro mandamos um pessoal pra lá fazer a pista. Dia 2 de dezembro foi inaugurada, eu mandei de Paranaíta 139 homens, quando cheguei lá, tinha mais de 500, pois é, é por aí, o ouro é cheio de altos e baixos (CARVALHO, 2016).

3.2 A lei que vigorava nos garimpos de Alta Floresta

No enfrentamento com as entrevistas e com os discursos dominantes que apresenta o artigo, privilegiando o entrecruzamento das fontes em especial, as narrativas dos garimpeiros, onde apresenta à lei do direito consuetudinário que era imposta pelos grupos dominantes. “Dependentes das riquezas e da proteção fornecidas pelo patriarca, os demais habitantes daquela terra também estavam submetidos ao seu poder” (FRANCO JUNIOR, 2006, p.169), sendo eles os donos da pista de pouso determinavam-se uma “lei” a qual deveria ser obedecida por quem fosse explorar a área, região que não possuía interferência do estado, sendo que na cidade seguiam-se as leis do estado, através de suas vivências, questionando com os estigmas e estereótipos, assim também com o passado a partir das experiências e das disputas engendradas no processo da exploração do ouro e da colonização.

No decorrer da entrevista com o senhor Eliezer (popular Cabeça) compreende-se com vigorava a lei do garimpo:

A lei do garimpo é o seguinte, sempre foi à lei do mais forte, quem tinha mais dinheiro, mais poder, queira ou não queira o governo pode querer mudar. Desde começo do mundo já fala, na bíblia, vai indo até hoje. O mais forte aqui era o Sr. Ariosto o que ele falava, era aquilo mesmo. Na minha área não existia Ariosto, ele não mandava porque lá era município de Diamantino, hoje pertence a Alta Floresta. Aí após surgir a Pista do Cabeça, todos aqueles conflitos que existia na região por aqui, Paranaíta, Planeta... a Pista do Cabeça resolveu tudo, o pessoal foi todo pra lá, a maioria foi despejado, porque não tinha para onde ir. O Planeta, o pessoal que

comprou o Planeta tiveram um alívio, um momento de alívio, o avião ia só tirando gente do Planeta e jogando no Cabeça. Tinha em torno de 12 mil pessoas, todas vinham de avião, Alta Floresta só tinha dois aviões. Em 82, foi feita uma conferência tinha 180 aeronaves, voava pra toda região. Então eu acho que a Pista do Cabeça foi a pedra fundamental pro desenvolvimento de Alta Floresta.

Era tudo manual, a draga começou em 80 pra cá, o Sr. Otacílio veio do garimpo do Marupá com uma mini draga, montou lá no Planeta era uma novidade, chamava a atenção de todo mundo, uma de 3 polegadas e tinha umas caixas com água que tirava o ouro. A primeira draga foi o Ceará que levou pra Pista do Cabeça em 83. Na verdade, a região é sofrida tudo que foi construído foi com dificuldade. Só quem não sofreu foi os que eram proprietários, ou era ou não era, essa era lei do mais forte.

Dos que eram mais famosos na época só tem eu vivo, o resto tudo já morreu. Da época que eu cheguei do pessoal que mexia com comércio, aviação no garimpo todos já morreu.

O fato que mais marcou pra mim sempre foi e sempre será a força que Deus me deu. Quando cheguei aqui em Alta Floresta, às 10 horas, fui convidado pelo Sr. Benedito pra comprar ouro. Como eu não o conhecia e ele não me conhecia, foi através de uma olhada assim de um pro outro, ele perguntou o que eu fazia e eu falei aí isso me marcou muito. Daquela hora pra frente que nos encontramos não me faltou nada mais. Coisa brava via os outros fazer violência, eu ficava olhando de longe, você sabe que existiu muito, né. Comigo nunca aconteceu, porque eu tenho um coração que não tem coragem de matar uma barata, alguém fala Cabeça isso, Cabeça mata, manda matar, mas nunca fiz isso, não tenho coragem, tenho dois corações às vezes um fica zangado e outro acalma. Graças a Deus não é toa que estou aqui há 28 anos, e vivo sadio, hoje eu acho a vida melhor do que aquele tempo, que tinha um monte de dinheiro, eu não tinha sossego pra nada, nem pra dormir, era me chamando. Hoje eu vivo tranquilo faço o que quero e assim tá bom.

Esse apelido de Cabeça foi de 1968, assim que cheguei no garimpo no Pará, um amigo meu chamado Pernambuco colocou esse apelido em mim no início fiquei aborrecido mas depois deixei pra lá. Virou quase um sobrenome Eliésio Lopes de Carvalho no final Cabeça.

Na época do garimpo todo mundo andava armado, mas tinha gente que tinha até fuzil, carabina. Mas era a “lei do respeito”, se respeitasse vái longe, não respeitou vái no tiro, mexeu com a mulher do outro amanhecia com a boca cheia de formiga, podia ser amigo, não respeitou, fogo, todo mundo era calmo, chegava no barraco, o que menos tinha, tinha uma. 20. Mas tinha uma coisa boa, era a solidariedade, chegasse precisando de qualquer coisa, comida ou peça, podia ser do sul ou norte, não tinha discriminação, desde as mulheres da vida que enfrentavam o garimpo também, todas elas eram amigas umas das outras, se uma não tinha dinheiro pra mandar para os filhos a outra tinha pra emprestar, assim que funcionava, mas não errasse.

Um fator importante no garimpo eram as moradias eram bastante precárias, falta de água tratada, instalações sanitárias totalmente inadequadas, o excesso de lixo a degradação do local, sem preocupação com o meio ambiente, pois o mais importante era no momento a busca do precioso ouro. “No garimpo era o seguinte, barraco de lona, pendurava uma rede e só, junto com os mosquitos, cobras e formigas, na hora de tomar banho, tomava com aquele que trabalhava, tinha alguns que era mais conservador e fazia uma casinha, uma cisterna que às vezes a água saía com a cor do barranco, uns tinha filtro e tinha gente que era mais porco né. Cada um tinha seu jeito, eu mesmo fui um deles, meio sebo, nunca trabalhei diretamente no garimpo, carreguei carga, vendia no baxão carne, remédio, pão, fazia barraco por empreitada, nunca trabalhei no barranco em garimpo, nunca peguei malária nunca fiquei doente. Eu tive na região da Amazônia, Pará onde chegava a ter 3 ou 4 deitado com malária e eu dando água pra eles, uns quase morrendo, outros morreram mesmo, eu nunca peguei, sempre acreditei muito em Deus.

No Brasil a extração do ouro ocorre desde início do século XVII, por ser muito cobiçado pelos homens corajosos e desbravadores, fazendo com que eles se deslocassem de uma região para outra, numa busca incansável, "boa parte ou a força maior do garimpo do Cabeça era maranhense, cearense, mas tinha gente de todo mundo, americano, colombiano, angolano, canadense, a força maior era nordestina" (CARVALHO, 2016).

Segundo depoimento do entrevistado, senhor Eliezer (popular Cabeça) "o garimpo na região ainda é viável para a contínua busca do ouro, bastando ter dinheiro para investir e estar ciente das leis ambientais". Entretanto ainda que tenha sido pouco referido no decorrer a entrevista, os problemas, os conflitos na área de garimpo, onde faziam a evacuação com ações arbitrárias, gerando mortes, espancamentos, apreensão e destruição de objetos, além do aprisionamento do ouro, muitas vezes realizado sem amparo legal.

As feridas da época do garimpo continuam abertas, e por vezes sangram quando são revividas por aqueles que sofreram a desilusão de construir uma vida melhor, e logo depois perceberem que os privilégios não são para todos.

A ascensão e queda do ouro trouxeram um rápido e passageiro crescimento, mas após esse período turbulento, Alta Floresta teve que rever seus conceitos em termos de exploração comercial, se recuperando e voltando a crescer. Tendo como base econômica a pecuária, agricultura, entre outras atividades, a cidade reencontra seus caminhos e recebe novos investimentos, trazendo novamente os ares de progresso.

4 ESTRUTURA DE FUNCIONAMENTO E DEGRADAÇÃO AMBIENTAL DO GARIMPO

4.1 Estruturas de funcionamento

Segundo o depoimento do garimpeiro Batista, o garimpo manual era realizado em barrancos com aproximadamente 30 metros quadrados, "chegava a dar de um quilo a dois quilos e meio de ouro, e quando produzia menos de um quilo de ouro era considerado cego".

Na região do Jaú, margeando a MT-206 existia uma "currutela" muito movimentada, durante o período de 1978 a 1980, com diversas cantinas, cabarés, e diversos estabelecimentos. Nesta mesma região existiam diversos garimpos como Zé da Onça, Zé Vermelho, Cajueiro, Porcão, São Benedito. Os garimpeiros manuais trabalhavam no regime de meia praça, o dono da terra entrava com alimentação e a terra a ser garimpada, a produção

era dividida meio a meio entre o proprietário e os garimpeiros, na sequência algumas imagens do garimpo.

Figura 1- Draga de garimpo ano 1985.



Figura 2 - Draga de garimpo ano 1985.



Figura 3 - Garimpeiro queimando ouro.



Figura 3. Garimpeiro queimando ouro. Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 4- Barranco de trabalho, ano de 1988.



Figura 4. Barranco sendo trabalhado. Fonte: Arquivo pessoal, 1988.

Dos anos de 1981 a 1985 o garimpo do Jaú tornou-se mineração, conhecido como Porto Estrela. Diferente do garimpo manual e de draga, a mineração utilizava plantas flutuantes e às moveis, as plantas flutuantes são tecnologias trazidas do Canadá, estas plantas eram alimentadas por escavadeiras Caterpillar 245, e às plantas moveis são alimentadas por bombas de sucção, de desmonte hidráulico é feito por dois monitores alimentados por motores elétricos de 150 CV, Mercedes ou MWM de 6 cilindros. Plantas deste tipo 10" polegadas tipo necessitavam em torno de oito homens para operar a planta, funcionado por 24 horas por dia. O garimpo com dragas na região do Jaú no final da década de 1988, o sistema de draga era operado por cinco garimpeiros. O proprietário da draga entrava com o equipamento e a terra, os garimpeiros entravam com a mão de obra e ficavam com 30% da produção, esse total

era dividido entre os cinco. Atualmente os proprietários das balsas disponibilizam os alimentos ficando com 60% e os garimpeiros com 40% sendo dividido entre quatro mergulhadores.

Depois de limpar a terra, o barro, a areia e outras impurezas, a substância usada era o mercúrio (azougue), utilizada em sua forma líquida para atrair o ouro diluído em um determinado solo, formando uma liga entre as substâncias, ou separá-lo da terra e das demais rochas, e quando esse concentrado é queimado, o mercúrio evapora deixando apenas o ouro em seu estado bruto. Na figura 1 o garimpeiro está queimando o ouro em uma bateia com o maçarico para que haja a separação do ouro e do azougue (mercúrio), dessa queima origina-se um gás tóxico, sendo aspirado pelo próprio e as pessoas que provavelmente estariam à espera do resultado garimpado. O garimpeiro somente usa um pano amarrado em volta de sua boca e do seu nariz, e o restante do seu corpo está desprotegido. Sendo o mercúrio um metal pesado, na queima ele vai para a atmosfera e retorna a partir da chuva, contaminando os cursos d'água, tratando-se de um dos elementos poluidores mais perigosos a saúde.

A entrevista do senhor Darcy Winter presidente da Cooperativa de pequenos mineradores de ouro e pedras preciosas de Alta Floresta e outros municípios (COOPERALTA) ressalta a preocupação com o meio ambiente e conscientização dos associados com o uso correto do mercúrio.

Nós fundamos ela em 2009, dia 21 de setembro de 2009". Na verdade, a atividade garimpeira aqui já é longa, de quase 40 anos, costuma brincar que a cooperativa nasceu de uma conversa de pinga, (...) na beira do rio. Por que a gente já tinha atividade das balsas e quando eu voltei a mexer com garimpo existiam alguns licenciamentos tramitando em nome de pessoas físicas, e como diz aquele ditado à união faz a força, (...) já tava tendo uma séria retaliação da fiscalização do meio ambiente, IBAMA, ministério público tentando travar uma atividade que fomenta a economia. Aí eu me queixei (...) "estamos aí trabalhando e os homens vem e quebra tudo, faz isso, faz aquilo e a gente não está tendo sucesso no licenciamento como pessoa física". Então ele incentivou a gente a fazer uma cooperativa como em Peixoto que já tinha uns 3 anos e estavam tendo sucesso, fizemos uma visita a cooperativa de Peixoto, trocamos umas ideias e vimos que esse era o caminho mais certo. Tanto que em dezembro de 2009 dois meses depois de fundar a cooperativa, conseguimos a primeira licença para extrair ouro do rio Teles Pires (Coordenadas geográficas: DATUM.SIRGAS2000 – W: 56°22'27,80" – S: 09°28'50,63"). Que o grande problema pra extrair o ouro do rio é o mercúrio que é o vilão de toda a história, porque o ouro que se extrai é muito fino e não tem como ele ser apurado sem o mercúrio, e o mercúrio não é proibido como todo mundo fala, o mercúrio pode ser usado desde que tenha o lugar próprio para utilizá-lo, que é o que temo hoje nossa central de apuração e a gente pega pesado no pé dos associados da cooperativa para que usem o mercúrio de forma correta.

Na visão dos associados é preciso garimpar, trazer a matéria-bruta na cooperativa para que haja a separação do ouro e do mercúrio num processo de amalgamação, que é a queima do mercúrio, para que o mesmo evapore e pequena porção vai para a atmosfera, e/o restante sendo recolhido e reaproveitado, assim evitando a poluição dos rios e dos seres vivos em geral, sem esquecer do próprio garimpeiro, seguindo a Lei Complementar nº 38 de 21 de novembro de 1995 que dispõe sobre o Código Ambiental de Mato Grosso e que regulamenta a extração do minério aurífero.

A COOPERALTA tem em torno de quinhentos associados, há quarenta e cinco balsas trabalhando nas águas do Rio Teles Pires, e algumas dragas de baixão local onde trabalha os garimpeiros e o (desmonte hidráulico) com jatos de águas para desagregar a terra e o cascalho enviando somente o ouro para a caixa recipiente onde o minério fica concentrado (WINTER, 2016).

Imagem 5 e 6 - Garimpo flutuante nos anos de 1986 e 2016.



Imagem 5: Garimpo flutuante, Rio Teles Pires. 1986. Fonte: Secretaria de Cultura de Alta Floresta



Figura 6: Garimpo Flutuante 2016. Fonte: Arquivo pessoal.

4.2 A degradação ambiental causada pelo garimpo na bacia do Córrego Jaú

A natureza, tal como a conhecemos hoje levou milhões de anos para se formar, e ao longo desses anos todos os seres vivos foram se adaptando aos diferentes ambientes de nosso planeta. E assim, existindo uma vegetação e uma fauna típicas dos desertos, das florestas tropicais, das savanas, das florestas temperadas, entre outras.

Mas o ser humano vem provocando grandes alterações nos diversos ambientes terrestres e para sobreviver a essas alterações os seres vivos têm de se adaptar a elas, e essas adaptações trazem prejuízos ao meio ambiente e ao próprio homem. E quanto à degradação

ambiental não foi diferente no Estado de Mato Grosso, na região do garimpo como foi mencionado, o qual constitui um dos estados integrantes da Amazônia.

Ao longo do processo de expansão das atividades garimpeiras e dos projetos de integração, sobretudo aqueles promovidos na década de 1970, no contexto do regime militar, algumas áreas florestais do estado, assim como da região amazônica, no geral, foram devastadas.

Sabendo que à atividade garimpeira de ouro, causa profundos impactos ambientais, pois sua principal característica de extração tem por base a lavra aleatória do minério e na dispersão de rejeitos sólidos e de mercúrio para as drenagens, provocando o assoreamento e o acúmulo de areias ou terras dos cursos dos rios. Isto leva a um aumento da turbidez das águas, diminuindo a penetração de luz, prejudicando a flora e a fauna aquáticas.

O intenso fluxo migratório para a região do Córrego do Jaú, próximo à cidade de Paranaíta também trouxe sérios problemas de infraestrutura, - não somente para ela, mas também para Alta Floresta e seus distritos ou demais municípios da região – nem tampouco os governantes que se sucederam no Estado conseguiram acompanhar as necessidades dessa população sempre crescente, precisando de assistência em saúde, educação, energia, estradas condizentes, segurança, e com o meio ambiente. Quando fazemos uma análise entre os mapas apresentados entre os anos de 1984 e 2016 percebe-se que a degradação ambiental hoje é através do avanço da pecuária.

Mas houve assim mesmo uma ocupação densa do perímetro urbano crescendo, formando a cidade com famílias vindas das várias regiões do país a procura de terra para garimpem, de comerciantes das mais diversas áreas para suprirem as necessidades do garimpeiro. Então a cidade se formou, cresceu e se estabeleceu mesmo após a decadência do ouro na região.

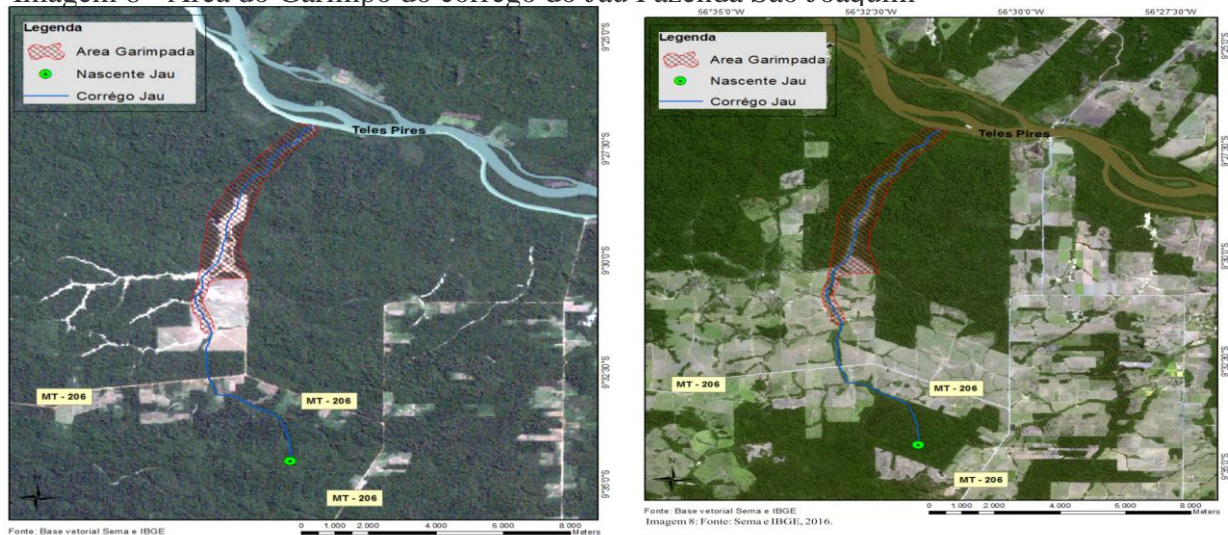
E aos poucos a área utilizada pelo garimpo vai se recuperando, em um processo lento e assim os proprietários da fazenda São Joaquim do Aripuanã, localizada na área do Córrego do Jaú, fizeram uma cerca delimitando o acesso dos animais ao córrego e a pastagem, evitando que os bois não fiquem atolados no barro. Observa-se “in loco” que a preocupação se dá mais em relação aos animais e não na questão da preservação e conservação do córrego e seus arredores.

Seria interessante que os proprietários adquirissem junto com técnicos e engenheiros florestais um estudo sobre a recuperação da área, pois só a cerca pouco irá dar resultados

positivos, sabendo-se que a natureza mãe fará a sua parte de forma lenta, e o reflorestamento da área com mudas próprias da região poderia ajudar muito nessa recuperação.

Sem as raízes das árvores, a terra fértil poderá ser levada pelas águas da chuva aumentando o assoreamento do rio, tornando o solo pobre para a pastagem, a falta da vegetação também altera a umidade do ar que, em parte, tem origem na transpiração dos vegetais. Com a derrubada das árvores a infiltração da água da chuva na terra também é menor, e assim, diminuindo a água, secando as nascentes e os riachos.

Imagem 8 - Área do Garimpo do córrego do Jau Fazenda São Joaquim



Na região que houve o garimpo o qual alvoroçou uma população, trouxe riquezas, conflitos e fofocas, deixou também questões ambientais na espera de recuperação, ao fazer a leitura do mapa acima nota-se a rodovia MT-206, o seu entorno todo, é hoje pecuária, área de pastagens, não se vendo praticamente nenhum espaço de reserva biológica, característica da frente de expansão capitalista que agride a natureza pela exploração, uma vez que suas matas e florestas vão sendo destruídas, e os rios e nascentes poluídos, mas pode-se compreender essa atitude segundo Martins (2014, p. 24): “O deslocamento progressivo das frentes de expansão tem sido, na verdade, um dos modos pelos quais se dá o processo de reprodução ampliada do capital, o da sua expansão territorial”.

O homem é um agente modificador da natureza, pois busca constantemente aumentar suas riquezas esquecendo a mãe natureza cobra um alto custo para sua regeneração, e quando

lembramos que para existir vida precisamos do precioso líquido a água em todas as suas formas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aproveitamento dos recursos naturais num país tão vasto e cheio de contrastes naturais como o Brasil, tem representado uma atividade permanente em algumas regiões. A ocupação da Amazônia é um dos assuntos mais polêmicos da atualidade, seja pela sua condição de reserva ecológica, ou então, pela sua configuração como alternativa de expansão da fronteira agrícola para resolver conflitos pela posse da terra. O projeto implantado na região de Alta Floresta - MT foi o do colonizador Ariosto da Riva, conhecida inicialmente por gleba INDECO que nos primeiros anos, projetou se na região como um sucesso a exemplo de ocupação racional, obedecendo às regras do Governo Federal.

Se por um lado a colonizadora incentivava o plantio de culturas de subsistência como o arroz, feijão, milho entre outras, por outro havia a preocupação da invasão de garimpeiros vindos de várias partes do Brasil, principalmente das regiões norte e nordeste, os quais possuíam grande tradição na arte de garimparem. Os migrantes recém-chegados eram cheios de sonhos e de esperanças, vindos das mais diversas regiões do país, olhavam a terra como sendo a realização dos seus maiores sonhos, o começo de uma vida melhor, de “bamburrar”, isto é, de ficar rico. Esse encontro gerou riquezas e a construção de uma nova cultura, bastante miscigenada, devido à parcela de contribuição de várias correntes migratórias, e no garimpo onde era o ambiente de trabalho de muitos, era visível a camaradagem, a solidariedade entre esses valentes e destemidos trabalhadores que conviviam a maior parte do tempo juntos enfrentando os mesmos problemas, a saudade da família que tinha ficado distante que somente iriam ver quando tivessem “bamburrado” (rico), outros que haviam adquirido malária, hepatite ou então até se machucado com ferramentas ou desmoronado barrancos, assim cada um com sua particularidade.

Escrever um capítulo na história de vida de uma população migrante em busca do ouro, que enfrentaram todo e qualquer tipo de adversidade para encontrarem o seu espaço, trazendo um pouco de história dos garimpeiros da região, demonstrando que a cultura e a história regional foram marcadas pela “época do ouro”, onde garimpeiros, comerciantes, padres, viajantes homens pobres e livres, entre outros, foram agentes da história e representam a

diversidade e identidade cultural da população de Alta Floresta - MT, que consequentemente, empresários e porque também não, a sociedade organizada se beneficiaram com o aumento da riqueza interna, pois o garimpo chegou a produzir 1870 quilos de ouro, somente em 1986, segundo o registro do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) e que os dois municípios tinham produzido no ano anterior cerca de 7,5 toneladas de ouro, sendo esse metal legalmente comercializado, pois acreditava-se que muito do se produzia não era vendido na região e sim contrabandeado para fora da cidade, relato do ex-garimpeiro (Daniel, 2016).

A cidade cresceu vertiginosamente a partir da descoberta do ouro, que a transformou num pólo de abastecimento dos garimpos de toda a região. Por outro lado, estava a agricultura, que enfrentava problemas para o seu desenvolvimento, porque faltava mão de obra para ajudar na lida diária da lavoura, devido que os próprios colonos e às vezes seus filhos iam à busca do ouro.

Ao longo do processo de expansão das atividades garimpeiras e dos projetos de integração, sobretudo aqueles promovidos na década de 1970, no período do contexto do regime militar, algumas áreas florestais do estado, assim como da região Amazônica, no geral foram devastadas. A degradação ambiental não foi diferente no norte mato-grossense, na região do garimpo o qual foi mencionado no decorrer do artigo, e que constitui um dos estados integrantes da Amazônia. A consciência de cada ser humano para que haja a recuperação das áreas desgastadas pela ação do garimpo é muito irrisória, pois o homem acha que não precisa ajudar a fazer a recuperação, ou então só irá perceber que devia ter feito, quando precisará de água, de chuvas, quando estiver faltando água para seus bois beberem. Enquanto isso a natureza estará tentando fazer a sua parte em um processo muito lento que levará milhões de anos.

Para a maioria restou à frustração de ter ganhado e gastado, ou de nunca ter tido sucesso na busca pela riqueza. Muitos encontraram a morte por conta de uma paixão mal resolvida, uma dívida não paga ou uma divisa de terra não liquidada ou uma palavra ofensiva. A Polêmica acerca do que os garimpos representaram para a região está longe de se encerrar, porém, para alguns trouxe benefícios, na medida em que movimentou a economia e gerou renda para trabalhadores que se encontravam em dificuldade, sendo que para outros ampliou a precariedade de estradas, saúde, educação e potencializou a violência. Mas o fato é que as experiências vivenciadas nos anos do auge da atividade garimpeira ainda estão presentes de

forma muito marcante na memória das pessoas que vivem em Alta Floresta, restando muito a ser debatido e escrito sobre o tema.

MEMORIES, PRACTICES AND DEGRADATIONS GARIMPEIRAS IN THE HIGH FOREST-MT

ABSTRACT

The idea of trying to rediscover the memories that were already being lost is linked to the pretension of telling the story of the prospectors and the settlers who were prospectors. The saga of the gold digger, the passion for gold, their dreams, hopes of getting rich and having a better life. This article proposes to discuss the social, work and working conditions of the workers in the mines of Alta Floresta, located in the North of Mato Grosso. The data collection was based on interviews with former prospectors, bibliographical review of books, periodicals and magazines, perceiving a certain denial of the time of the mining, even making it difficult to access the information, saying that there was no record about the subject matter. The social relations of the time were hostile due to the ideological domination of the church and the colonizer itself over the population, and the image of the prospector was forged according to the needs of the social groups involved in the conflicts and disputes. Another important factor was environmental degradation in the informal mining region as mentioned, reproducing the predatory model in the Amazon, focusing on the action of man in time and also in space. Throughout the process of expansion of mining activities and integration projects, especially those promoted in the 1970s and 1980s, in the context of the military regime, some forest areas of the State as well as the Amazon region in general were devastated.

Keywords: Mining. Memory. Social relationships. Environmental degradation.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ricardo Torrí. **Movimento da boa nova**. Belo Horizonte: O Lutador, 1999.

BARBOSA, Daniel. **Entrevista concedida a Francisco Freire da Silva, Alta Floresta – MT**, 06 junho. 2016.

BATISTA, João Pereira. **Entrevista concedida em Alta Floresta a Francisco Freire da Silva, Alta Floresta – MT**, 05 out. 2010.

CARVALHO, Eliezer Lopes de. **Entrevista concedida a Francisco Freire da Silva, Alta Floresta – MT**, 10 set. 2016.

CRISTINO, Ferreira Pires. **Entrevista concedida a Francisco Freire da Silva, Alta Floresta – MT**, 19 set. 2016.

COSTA, Vicente da. **Entrevista concedida a Francisco Freire da Silva, Alta Floresta – MT**, 19 out. de 2016.

FRANCO, Hilário. **A idade média, nascimento do ocidente**. São Paulo. 2º Ed. Brasiliense, 2006.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **A lenda do ouro verde**. Campinas, 1986. Dissertação (Mestrado em História). Setor de Humanas, UNICAMP, 1986.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed. Campinas: UNICAMP, 2014.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano**. 2. ed. 2. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**. Tradução de Maria Lúcia Cumo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

ROSA, Rosane Duarte. **A constituição da igreja-escola como espaço de formação do colono altaflorestense nos projetos de colonização privada do norte de Mato Grosso – 1976 a 1996**. Tese de Doutorado (Linha de pesquisa em Historia Cultura e Poder). UFPR, Curitiba – PR, p. 30, 1999.

QUÁTI, J. Carlos. **Alta Floresta Ano 10: novos horizontes abertos ao homem. Folha de Londrina**. Edição Especial, Londrina – PR. p. 3-5, 1986.

RAMOS, José Benadete. **Entrevista concedida a Francisco Freire da Silva, Alta Floresta – MT**, 19 out. de 2016.

VITALE, Joanine Neto; SANTOS, Júlio César dos. Fronteira noroeste: entre colonos e garimpeiros de Juína. In: **A história na fronteira: garimpos em Mato Grosso na segunda metade do século XX**. VITALE, Joanine Neto; SANTOS, Júlio César dos. Ed. UFMT. Cuiabá. 2015. p. 73-98.

WINTER, Darcí. **Entrevista concedida a Francisco Freire da Silva, Alta Floresta – MT**, 16 set. 2016.